

EDITORIAL

Julie Cavignac

Carlos Guilherme do Valle

Juliana Melo

Este número da *Vivência, Revista de Antropologia* foi gestado num momento em que o Brasil vive uma crise profunda. No caso da universidade, o congelamento do orçamento destinado ao ensino superior e a gestão desastrosa da educação em nível federal tiveram como consequências imediatas o freio da oferta de vagas nos IES, o abandono de pesquisas, o cancelamento de bolsas, a precarização das condições de trabalho, a expulsão dos estudantes em situação precária, repetidos ataques à autonomia do exercício do magistério etc. O clima ansiógeno ligado às incertezas em relação ao futuro foi acirrado pela pandemia COVID-19 e obrigou todos a repensar as rotinas administrativas, as atividades de ensino, pesquisa e extensão. A crise tornou ainda mais salientes as fraturas de uma sociedade que se constituiu na violência e na escravidão e conserva até hoje as marcas dessa história, com a multiplicação dos embates ideológicos, raciais ou religiosos. Os crimes racistas, as manifestações de intolerância e as tentativas em reescrever a história nacional, apagando o protagonismo de grupos subalternizados e negando as evidências históricas, são potencializadas por um contexto político mundial que viu o retorno assombroso e brutal de velhas ideologias que pensávamos terem sido enterradas.

Os tensionamentos ligados às expressões culturais das populações afro-brasileiras são objeto do dossiê PATRIMÔNIO AFRO-RELIGIOSO: ACERVOS, PRESERVAÇÃO E FONTE DE CONHECIMENTO, organizado por Luiz Assunção (UFRN, Brasil), Stefania Capone (CNRS, CéSor/EHESS, França) e Mariana Ramos de Moraes (CéSor/EHESS, França). Os artigos refletem a atualidade dos debates, tendo como ponto forte a dimensão política e religiosa do patrimônio afro e a mobilização das comunidades detentoras dos patrimônios. Esses temas foram discutidos durante o Seminário Internacional Patrimônio e Religiões Afro-brasileiras, que ocorreu em 2018 na UFRN. Entre os pontos abordados estão o tombamento de terreiros, a musealização dos espaços sagrados, a atratividade das festas para um público leigo e, por outro lado, as problemáticas do arquivamento, da conservação dos acervos dos terreiros, da elaboração de projetos de turismo comunitário ou da captação de políticas públicas, que são motivos de mobilização das comunidades, tendo a religião como linha definidora das identidades afro-brasileiras. A ressignificação dos objetos sagrados tornados patrimônios e a agência dos detentores para a transmissão das memórias comunitárias aparecem como movimentos de afirmação identitários que merecem ser observados.

Além do dossiê, o número conta com cinco artigos de fluxo contínuo, uma conferência da Profa. Isabelle Gobatto da Universidade de Bordeaux (França), o memorial de Professora titular de Regina Abreu, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, finalizando com uma resenha de duas publicações destinadas a um público não especialista. De certa forma, todos os textos entram em sintonia com o tema do dossiê, pois dizem respeito aos patrimônios, memórias, direitos e lutas dos povos tradicionais.

Assim, Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, Marla Elizabeth Almeida Reis e Dyedre Alves Pedrosa observam as festas do círio de Oriximiná e as misérias que são feitas ao santo casamenteiro. Santo Antônio é aperreado no artigo intitulado *Devoção no círio fluvial de oriximiná: “brincadeiras”, “aperreios” e rezas para Santo Antônio*. É levado num barco, colocado de cabeça para baixo e até congelado (!) para ser obrigado a intervir em favor dos seus seguidores. O círio aquece a vida social e econômica de várias comunidades circunvizinhas, com seus festejos, bailes e procissões. Fato social total, o círio expressa as expectativas e anseios das populações ribeirinhas que se reconhecem no seu santo. Em *Culturas populares, política cultural e o encontro de culturas tradicionais da chapada dos veadeiros (GO) (2000-2020)*, Bruno Goulart se debruça sobre um outro aspecto das culturas populares: os efeitos das políticas culturais e das estratégias encontradas para suprir as lacunas deixadas pelo Estado, em particular com as mudanças no contexto político nesses últimos anos. Temos uma reflexão crítica sobre o papel das políticas culturais a partir da etnografia do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros (ECTCV) na Vila de São Jorge (Alto Paraíso-GO), festival de culturas tradicionais. Dois artigos se debruçam sobre o quilombo Rio dos Macacos, que conhece conflitos territoriais devido à presença da Marinha do Brasil. *Cartografias e conflito territorial no quilombo Rio dos macacos*, de Paula Regina de Oliveira Cordeiro, analisa as controvérsias em torno da metodologia da cartografia social e mostra seu uso por quilombolas, que contestam a proposta feita pelos órgãos oficiais, impossibilitando o acesso aos recursos hídricos e a manutenção da integridade do território. Nas mãos dos quilombolas, o instrumento mostrou certa eficácia no processo de resolução dos conflitos. O outro artigo, de Flavio Luis Assiz dos Santos – *A questão da história e os laudos antropológicos: o caso da comunidade quilombola Rio dos Macacos/Ba* –, parte de uma discussão teórica das tensões entre História e Antropologia para realizar uma análise do relatório antropológico que serviu de documento para justificar as reivindicações comunitárias e a necessidade da regularização do território da comunidade quilombola. Mostra como a etnografia histórica permitiu registrar marcas memoriais das famílias presentes no território antes da chegada da Marinha, durante a Segunda Guerra Mundial. O processo fez aflorar uma história de resistência até então invisível e ignorada pelas autoridades e desencadeou um movimento

de reivindicação identitária capaz de fazer frente à ocupação militar. Enfim, com o artigo *A desterritorialização causada pela violência bioétnica e os pescadores artesanais da Baía de Guanabara*, Cesar Bernardo Ferreira e Cleonice Puggian relatam os aspectos nefastos da presença da indústria petroquímica no território pesqueiro, em particular a poluição, as degradações ambientais, a expulsão e outras formas de violência sofridas pelos pescadores e a resistência que se organizou diante da inação do Estado.

Isabelle Gobatto, africanista e especialista da Antropologia da Saúde, na sua conferência intitulada *Hériter, lutter, éprouver: des notions pour interroger la santé comme trace*, elenca três conceitos operatórios – herdar, lutar e sofrer – para analisar as relações entre pobreza e as práticas médicas, trazendo exemplos da sua experiência de pesquisa sobre as doenças crônicas nas sociedades da África do Oeste. Mostra aspectos pouco conhecidos, que explicam os entraves ao um bom funcionamento das instituições de saúde e mostram a complexidade do trabalho dos terapeutas. Regina Abreu, no seu Memorial intitulado *Futuros imaginados: o gesto patrimonial e o conceito de “diversidade cultural”*, convida-nos para um exercício de imaginação que consiste na apreensão antropológica das temporalidades e no questionamento das práticas patrimoniais. Através de vários exemplos, a autora mostra que as escolhas feitas para preservar monumentos ou bens imateriais dizem respeito a projetos nacionais distintos. Apesar dos bloqueios e dos entraves, a noção de diversidade cultural conseguiu se impor paulatinamente nas ações de patrimonialização. O número da revista se fecha com o registro feito por Flávio Rodrigo Freire Ferreira, professor do IFRN Canguaretama, sobre dois guias culturais disponíveis online, que foram pensados como textos informativos para conhecer as comunidades tradicionais, suas trajetórias históricas e as expressões culturais, mas também podem ser utilizados como fonte de pesquisa ou material didático. Os guias culturais Afro do Seridó e indígena do Rio Grande do Norte não contêm apenas dados informativos sobre as comunidades, ressaltam também a capacidade de resistência das comunidades e a resiliência das suas expressões culturais.

As pesquisas e os debates apresentados nesse número mostram a vitalidade dos estudos sobre o patrimônio e deixam entrever os desafios a serem enfrentados.